

41º Encontro Anual da Anpocs

GT 16- Migrações Internacionais

Título do Trabalho: Imigração e Insegurança:
Representações aprisionam? Uma etnografia no
bairro Veronetta

Autora: Fabiane Cristina Albuquerque

RESUMO

O sentimento de insegurança é tema de muitos estudos sociológicos em diversas partes do mundo. Na Itália, o sentimento de insegurança percebido pela população ao longo dos anos vem sendo direcionado aos imigrantes, sobretudo quando utilizado por partidos políticos em suas propostas e programas. Para muitos estudiosos a insegurança é consequência de grandes transformações sociais e da crise da modernidade: modernidade líquida, globalização, fluxo migratório (Bauman, Giddens, Beck). Alguns estudiosos na Itália (Colombo, Ambrosini) apontam o sentimento de insegurança direcionado a um grupo concreto que canaliza todos os problemas sociais na forma de “bode expiatório” (Girard), resultando em uma “sociedade do bode expiatório” (Beck). Porém, ainda são poucos os estudos sobre o que esta representação – que liga os imigrantes à insegurança e à ameaça da ordem social – provoca na autoimagem dos próprios imigrantes. A hipótese da presente pesquisa é que essa imagem incide diretamente na autopercepção dos imigrantes. O objetivo é entender se incorporam ou não esse discurso, e quais as respostas e os fatores que influenciam na incorporação. A pesquisa pretende ainda recolher o discurso dos imigrantes sobre essas representações, seja aqueles que cotidianamente são tratados como tais, seja os que são menos expostos a esse tratamento, além de analisar as estruturas produtoras deste tipo de construção da alteridade. A cidade italiana escolhida é Verona, berço de partidos e movimentos anti-imigração, cujo histórico de administração também carrega esta bandeira, ao mesmo tempo em que é a cidade da região com maior número de imigrantes.

Palavras-chave: imigração, representação, insegurança, incorporação, etnografia.

ABSTRACT

The feeling of insecurity is the subject of many sociological studies in different parts of the world. In Italy, the feeling of insecurity perceived by the population over the years has been directed to immigrants, especially when used by political parties in their proposals and programs. For many scholars, insecurity is the result of great social and crisis of modernity transformations: liquid modernity, globalization, immigration flow (Bauman, Giddens, Beck). Some scholars in Italy (Colombo, Ambrosini) point the feeling of insecurity directed to a specific group that funnels all social problems as “scapegoats” (Girard), breeding a “scapegoats’ society” (Beck). However, there are few studies on this representation (linking immigrants to insecurity and to the threat of a social order) causes in the self-image of the immigrants themselves. The hypothesis of

this project is that this image directly affects the perception of immigrants. The goal is to understand whether incorporated or not this discourse, and what the answers and the factors that influence whether or not the incorporation. The research intends to collect the discourse of immigrants on these representations, be those who are daily treated as such, be those who are less exposed, in addition to analyzing the producing structures of this type of construction of otherness. The chosen city is Verona, birthplace of parties and movements against immigration, which has a history of administration that carries this flag, while, at the same time, is the city of the region with the largest number of immigrants.

Keywords: immigration, representation, insecurity, incorporation, ethnography.

INTRODUÇÃO

Insegurança e segurança são temas atualmente muito discutidos e estudados dentro das Ciências Sociais, abrangendo os debates recentes sobre políticas públicas e os argumentos diários dos grandes meios de comunicação, além de estar inseridas nas maiores demandas dos indivíduos nas diversas sociedades contemporâneas. Para muitos estudiosos, a insegurança também aparece enquanto sinônimo de risco, perigo e incerteza, de um lado, e de outro como consequência de grandes transformações sociais, tais como passagem de sociedades tradicionais para a modernidade (GIDDENS, 2002) ou a crise da modernidade, os efeitos da globalização e o capitalismo avançado (BAUMAN, 2006; BECK, 2001), entre outros aspectos.

De um modo geral, trata-se de um “sentimento” de insegurança que é direcionado a um grupo específico que, por sua vez, passa a resumir, em si, diversos problemas sociais, tornando-se, nas palavras de Girard (2004), o “bode expiatório” que canaliza esse tipo de sentimento. Na esfera pública e social da atualidade, então, constata-se que a insegurança, sobretudo nos países ricos, dará origem, segundo Beck (2001), a uma “sociedade de risco” que culmina na ideia de uma “sociedade do bode expiatório”. Para Appadurai (2009), as minorias representam o elemento visível e mais exposto, onde os efeitos predatórios da globalização são sentidos, e sobre as quais recaem todas as formas de protestos. E, neste sentido ainda, para Dal Lago (1999) os imigrantes representam o inimigo ideal para todos os momentos, pois além de

representarem a alteridade por excelência, são suscetíveis de passar para uma condição de “não-pessoa” em qualquer situação.

Uma vez que é percebido de forma mais aguçada na atualidade – como aponta, entre outros, Castell (2005) e Bauman (2005) –, o sentimento de insegurança vem sendo utilizado e instrumentalizado por diversos partidos políticos e meios de comunicação, na Itália, de modo a direcionar suas propostas e programas. Como dito, mais do que a insegurança *per se*, é o *sentimento de insegurança* que se caracteriza como representação e construção social, pois imprime formas de pensar e interpretar a realidade – na definição de Lourenço e Lisboa (1992), por exemplo. A própria União Europeia (UE)¹ direciona suas políticas de imigração baseada no perigo de uma “invasão” em massa de imigrantes, criando o que muitos estudiosos chamam de “Fortaleza Europa” (SASSEN, 1999; BASSO, 2003; AMBROSINI, 2011), a qual resulta em efeitos materiais e sociais – como é o caso da formação da agência “Frontex” para o controle das fronteiras, que ilustra exemplarmente tais políticas da UE.

Na Itália, com a chegada de imigrantes albaneses em grande quantidade a partir de 1990, após a queda do muro de Berlim, a representação de uma “invasão estrangeira” foi crescendo e tomando conta dos noticiários e do imaginário coletivo, influenciando até mesmo na política migratória dos governos italianos seguintes através de um conjunto de leis que, ao longo dos anos, criminaliza os imigrantes e os relaciona diretamente à problemática da insegurança. A partir dos anos 2000, com a ascensão do governo Berlusconi aliado à extrema direita (partido da *Lega Nord*) e com a crise econômica de 2008, essa representação ganha um contorno que Basso (2010) chama de “racismo de Estado”, principalmente porque estabelecido através da aprovação das leis “Turco-Napolitano” (em 1998) e “Bossi-Fini” (em 2002), e do “Pacchetto Sicurezza” (em 2008).²

Entretanto, enquanto na contemporaneidade os imigrantes são relacionados ao aumento da insegurança, à ameaça de uma ordem social e aos altos índices de desemprego, ainda são escassos os estudos sobre o que esta representação provoca na autopercepção do próprio imigrante, bem como em suas condições de existência atuais. Assim, busca-se aqui compreender se os imigrantes incorporam ou não essa

¹ A partir daqui passaremos a referenciar a União Europeia apenas através de sua sigla “UE”.

² As duas leis que recebem o nome dos parlamentares que as idealizaram, bem como o “Pacchetto Sicurezza” (“Pacote Segurança”), serão tratadas com mais detalhes no Capítulo 3, no qual se expõe a situação específica da Itália e como essas leis contribuíram para representar o imigrante como causa do sentimento de insegurança no país.

representação dominante, e quais são suas respostas ou reações frente a ela; em outras palavras, quais seriam as formas de resistência e de luta criadas por eles no dia a dia para conviver com o fardo de serem considerados elementos que suscitam insegurança, perigo e medo. Neste sentido, procura-se também identificar os grupos mais expostos a esse tipo de representação e os mecanismos de construção dessa imagem.

A escolha da cidade se justifica pelo fato de que Verona pode ser considerada berço de partidos e movimentos anti-imigração, além de possuir um histórico de administração que carrega essa bandeira. Verona também está inserida na região Veneto, norte da Itália, sendo uma das cidades com maior número de imigrantes, situada em uma das regiões mais ricas do país, constituindo destino de muitos à procura de trabalho.

1.A metodologia e o objeto de pesquisa

Uma das grandes referências na pesquisa de campo, Bourdieu (2009) aponta a sua importância da seguinte forma:

Todo o meu projeto científico fundamenta-se na convicção de que não é possível entender a lógica mais profunda do mundo social senão imergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada. (BOURDIEU, 2009: 14)³

A pesquisa de campo representa uma fonte de produção de conhecimento teórico de suma importância para as Ciências Sociais. Embora o campo seja limitado a uma realidade específica, seu alcance teórico pode ir muito além do local em que se realiza e oferecer elementos para análises sociais mais abrangentes.⁴

O bairro Veronetta, campo da presente pesquisa, embora irrelevante dentro da ordem econômica mundial e “invisível” diante de outras cidades globais e bairros de maior fama e presença de imigrantes, possui, no entanto, uma realidade interessante

³ Tradução livre. No original (em italiano): “Tutto il mio progetto scientifico infatti si fonda sulla convinzione che non è dato cogliere la logica più profonda del mondo sociale se non immergendosi nella particolarità di una realtà empirica, storicamente situata e datata (...)”

⁴ Vale recordar a pesquisa realizada em Winston Parva (nome fictício de uma cidade da Inglaterra) feito por Elias e Scotson (2000), que originou o trabalho publicado no Brasil com o título de “Os estabelecidos e os outsiders”, e que se tornou referência nos estudos sobre estereótipos, discriminação e incorporação da representação dominante (*establishment* local) por parte do grupo mais vulnerável social e materialmente (os *outsiders*).

para se perceber a “recepção” de um discurso securitário sobre a imigração, bem como as transformações advindas desse discurso em relação às mudanças no espaço físico e nas relações sociais, seja entre imigrantes, seja entre os autóctones.

A etnografia é uma pesquisa de campo que prevê a imersão do pesquisador através de um estudo detalhado e descritivo das características do local, das relações e das ações que se passam ali, a fim de analisá-las e problematizá-las com o propósito de contribuir na formulação de uma teoria social ou de verificar o uso de teorias ou abordagens – como foi o caso de Malinowski, por exemplo, em *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1978). A etnografia, para o autor só é possível através da observação direta do pesquisador e das declarações e interpretações dos agentes que estão no campo mediante registros e evidências, boas condições de trabalho e o conhecimento científico prévio desse método (MALINOWSKI, 1978).

Pensando nessa abordagem, aluguei (por um valor simbólico) um quarto em Veronetta através de freiras católicas brasileiras que moram ali – e que eu conhecia através de um trabalho anterior no Brasil⁵ –, o que se revelou de suma importância para a viabilidade da etnografia e a qualidade da pesquisa. A estrutura do local onde morei durante esses meses de campo, além de permitir que me movesse por todo o bairro, era uma estrutura que abrigava diversos imigrantes e refugiados políticos; de fato, o desafio era viver no próprio local que eu precisava observar. Alguns dos imigrantes que entrevistei também moravam e trabalhavam ali, e assim pude conviver com eles por todo esse tempo.

Mudei-me para lá exatamente no dia 7 de dezembro de 2015, e, de imediato, me deparei com uma realidade muito particular, pois a estrutura abrigava um total de noventa refugiados políticos da Nigéria, Mali, Costa do Marfim e Paquistão.

Também as ideias de Alessandro Dal Lago (2003) servem de grande apoio teórico para essa pesquisa, visto ter realizado uma etnografia na cidade de Genova – na qual entrevistou pessoas marginalizadas, tais como prostitutas, usuários de drogas e vendedores de substâncias ilícitas – criando as expressões “cidade ilegítima” ou “a cidade e as sombras”. Segundo o autor, é importante desfazer a ilusão de que é possível reproduzir as vozes dos entrevistados de forma original, pois nem tudo o que se observa em campo pode ser relatado (como, por exemplo, quando se presenciam negociações

⁵ A ordem das Irmãs da Sagrada Família, de origem italiana, mas que também possui casas em diversos lugares do Brasil. Em Veronetta, através da Irmã Marinete, brasileira e madre geral da Congregação, consegui um quarto no bairro em uma estrutura administrada pela arquidiocese de Verona.

ilegais e outras experiências que ferem a dignidade humana). Pensando nisso, optei por omitir o nome real dos locais frequentados e utilizei nomes fictícios para alguns entrevistados (em respeito à vontade deles). Outros imigrantes, no entanto, pediram para ler o presente trabalho e, para que se reconheçam, optei por utilizar seus nomes verdadeiros (com suas devidas autorizações).

Ainda na primeira semana me matriculei num curso de italiano para estrangeiro no bairro e, a convite de uma brasileira entrevistada, me matriculei também em um curso de dança africana frequentado por imigrantes e italianos, além de passar a frequentar os locais de produtos alimentícios de propriedade de imigrantes (onde frequentemente comprava alguns de meus alimentos).

Por “observação participante” Corbetta (1999: 367) entende “o envolvimento direto do pesquisador com o objeto estudado”; enquanto “observa”, o pesquisador participa da vida dos sujeitos envolvidos através da presença no campo, a imersão no contexto social do qual se quer estudar, e, assim, a convivência com as pessoas é parte do seu estudo. Essa técnica de pesquisa, segundo o autor, nasce na antropologia com Malinowski, sendo incorporada pela sociologia com a Escola de Chicago, principalmente através dos estudos sobre marginalização, comunidades e guetos, que passaram a dar ênfase não mais a estudos sobre “comunidades primitivas” (como entendiam os antropólogos do século XIX e XX), mas em “problemas urbanos ligados às sociedades modernas e em constante transformação” (CORBETTA, 1999: 369). Ainda para Corbetta (1999: 383-384), é relevante observar no campo “o espaço físico, o contexto social, as interações formais, as interações informais e as interpretações dos autores”. Neste sentido, minha “observação participante” se deu em algumas associações locais e salas de cursos, além de restaurantes e bares, ruas e avenidas, praças, ônibus, lojas de propriedade de imigrantes, universidade e, evidentemente, em meu local de moradia ao longo dos meses de pesquisa.

A presença no campo se deu exatamente por cinco meses (entre os dias 7 de dezembro de 2015 e 15 de abril de 2016). Morei no bairro durante esse tempo, me ausentando nos dois primeiros meses apenas nos finais de semana. Nos últimos meses, ao contrário, estava presente nos fins de semana me ausentando durante a semana. A “observação participante” na universidade se deu devido ao fato de ter sido acolhida como *visiting student* pela professora Rosanna Cima. Eu não poderia deixar de trazer uma fala de um professor de sociologia da Universidade de Verona (que retenho muito interessante, pois, neste sentido, existem poucas pesquisas ou quase nenhuma sobre

professores universitários). Os professores universitários constituem também uma categoria de pessoas que pretende “ver sem ser visto” ou “definir e classificar” sem ser exposto – para usar as expressões de Haraway (1995:4).

Logo na primeira semana na Itália me encontrei com a professora Rosanna Cima na Universidade de Verona, a fim de organizar os últimos detalhes para minha estadia como estudante visitante naquela instituição. Enquanto estávamos em sua sala entrou um professor de sociologia e ela, com entusiasmo, me apresentou a ele por sermos da mesma área. Ele sorriu gentilmente e se mostrou muito contente com minha presença na universidade, dando-me as boas vindas, sobretudo ressaltando como fator positivo minha nacionalidade brasileira. Em seguida me contou que conheceu um brasileiro negro e que, no primeiro momento, não sabia que ele era brasileiro, mas, ao descobrir, o aconselhou a revelar sua origem já no primeiro contato com os italianos, pois isso o ajudaria em muitos aspectos e facilitaria muito a sua vida na Itália. O professor disse ainda: “os brasileiros são muito bem vindos aqui, nós gostamos muito de brasileiros”. Sua fala me deixou muito incomodada, pois ele estava reproduzindo exatamente o discurso do senso comum que hierarquiza algumas nacionalidades e enfatiza a classificação entre os “bons” e os “maus” imigrantes, sem problematizar tal classificação e sem levar em conta os efeitos reais que isso tem na vida de um imigrante. Logo, fui acolhida muito bem por ele porque sou brasileira, ao mesmo tempo em que fiquei imaginando sua reação se eu fosse, por exemplo, nigeriana.

Em Veronetta também frequentei alguns antigos restaurantes (*trattoria* e *osteria*),⁶ e foi interessante ouvir o que os moradores italianos do bairro dizem dos imigrantes. Embora o foco de minha pesquisa fosse a percepção dos imigrantes sobre si mesmos.

Como princípio, decidi que não solicitaria uma entrevista logo no primeiro contato com determinada pessoa, mas esperaria que uma relação de confiança pudesse se instalar, principalmente para que os entrevistados não se sentissem usados como meros objetos de pesquisa, mas se sentissem sujeitos ativos numa relação de interação. Deixar esse tempo passar para ir compreendendo os discursos foi fundamental: as pessoas revelam aos poucos suas experiências, deixando vir à memória episódios que não se lembrariam em um único encontro.

⁶ A *trattoria* e a *osteria* são locais tradicionais na Itália. A primeira consiste em restaurantes de comida típica, enquanto a segunda é um local destinado mais ao consumo de bebidas alcoólicas (algo mais próximo da taberna).

Com o tempo, pude perceber que o termo “entrevista” soava como algo invasivo para alguns, causando muita desconfiança. Passei, então, a perguntar se podíamos marcar um encontro para um simples “bate-papo”⁷, o que tornou os encontros menos formais ou mais “leves”. Dessa forma, acabei por visitar Houda, que tem uma associação em Veronetta, mas que mora em outro bairro, e também fui à casa de Ernesto, rapaz de Guiné Bissau que era professor de dança no bairro, acompanhada de outra imigrante brasileira que o conhecia. Em sua casa, ainda pude fazer outra entrevista com um rapaz do Senegal pertencente ao curso de dança.

Só então me dei conta de que havia cometido um grande erro e perdido a ocasião de falar com ele, pois a palavra “marroquino” traz em si uma carga muito negativa para alguns deles, sendo muitas vezes usada como forma de ofensa.

No decorrer da pesquisa, também achei que seria importante entrevistar algum cigano proveniente do leste europeu, uma vez que esses imigrantes constituem um dos grupos mais estigmatizados e discriminados, considerados povos que roubam, sequestram e não trabalham. Conhecendo minha necessidade, o senhor Enrico, que também é músico popular e muito ligado à cultura cigana e à música eslava, me aconselhou a não mencionar a identidade cigana, a não ser que a própria pessoa se identificasse assim. Então me explicou que entre os ciganos existem dois grupos, os “ROM” e os “SINT”; inclusive, disse que tinha um amigo no bairro, proprietário de uma lanchonete, que era “SINT”, convertido ao Islamismo e originário do Kosovo. De fato, durante a entrevista com este seu amigo, em nenhum momento Antônio – nome italiano através do qual ele preferia ser chamado – se identificou como um “cigano”. No entanto, era reconhecido socialmente como tal, havendo consigo as três identidades: cigano de família e grupo de pertencimento; mulçumano; e um homem “bem integrado” que foi casado com uma italiana, e que até mudou o próprio nome (fazendo questão de ser chamado de Antônio).

Com relação ao termo “imigrante”, é interessante ressaltar sua multiplicidade de definições e interpretações. Sayad (2002) define o imigrante como aquele que vem de um país pobre. Basso (2003) diz que o imigrante é um trabalhador assalariado, mas reconhece os limites dessa definição ao excluir diversos trabalhadores autônomos que não são nitidamente separáveis das condições de vida dos trabalhadores assalariados. Além do mais, partir dessas duas concepções limitaria minha pesquisa de imediato, pois

⁷ O termo em italiano é “chiacchierata”, que implica uma ideia mais informal de conversa.

seria necessário excluir os imigrantes dos países ricos que, embora Sayad (2002) diga que não são imigrantes, mas sim “estrangeiros”, são considerados imigrantes, por exemplo, no conceito dado pela Organização das Nações Unidas (ONU): “Uma pessoa que se desloca de um país diferente daquele de residência habitual e que vive nesse país a mais de um ano.” (ONU apud AMBROSINI, 2011: 17)⁸

Para que eu entrasse em campo era necessário, no entanto, partir de uma concepção inicial sobre quem é, de fato, o imigrante, a fim de ser capaz de perceber no próprio campo as disputas, as dificuldades e, enfim, a complexidade em “reconhecer-se” ou não imigrante. Portanto, ainda que me pareça válido levar em consideração o conceito de imigrante utilizado pela ONU, busquei ampliar esta definição no próprio trabalho de campo e incluir outras categorias em minhas análises. Primeiramente, conforme apontado por Ambrosini, tal definição incluiria ainda três elementos:

- 1) O atravessamento de um confim nacional e o deslocamento para um outro país; 2) O fato de que esse país seja diverso daquele que o sujeito nasceu e viveu habitualmente no período precedente à transferência; 3) Uma permanência prolongada no novo país, fixada convencionalmente por pelo menos um ano. (AMBROSINI, 2011: 17)

Em segundo lugar, aquele que estuda este fenômeno, ainda de acordo com Ambrosini (2011), deve ter presente a dificuldade de uma definição precisa, devido ao caráter heterogêneo e à fluidez dos processos etiquetados como migração. Vale lembrar, neste sentido, que a definição da ONU exclui, por exemplo, os refugiados políticos que, para a organização, têm outro *status* e devem ser tratados de maneira diferente – a começar, sobretudo, por não se denominar o “refugiado” de “imigrante” (como está acontecendo atualmente, e principalmente, na Europa). A definição também não contempla os filhos de imigrantes que nasceram no país, chamados de “imigrantes de segunda geração”. Além do mais, Ambrosini (2011) diz que a designação de “imigrante”, na linguagem comum, não é usada para todos os estrangeiros, sendo importante atentar que o termo tem uma conotação pejorativa e é usado para se referir a pessoas provenientes de países pobres, e raramente àqueles originários dos países desenvolvidos.

⁸ Tradução livre. No original: “Una persona che si è spostata in un paese diverso da quello di residenza abituale e che vive in quel paese da più di un anno”.

Em outras palavras, uma vez que a questão de definição é um processo poroso e fluído para Ambrosini (2011), o autor chama a atenção para um dado relevante neste contexto: o fato de que ambos, os países e os imigrantes, mudam de *status* a partir de mudanças estruturais que reposicionam as nações e, por consequência, seus membros. É o caso do Japão, Coreia, Taiwan, Irlanda, e da própria Itália. Assim, essa mudança de *status* de imigrante vem acompanhada de um conjunto de legislações que, para os cidadãos de muitos países, facilita o ingresso em países estrangeiros, por exemplo, com a abolição do visto de turista.

Tendo em vista a amplitude do termo e as construções sociais complexas, parti do termo dado pela ONU para identificar os imigrantes no bairro, mas buscando problematizar o significado do termo dado por tal organização, bem como sua recepção entre os próprios imigrantes. A tentativa de muitos imigrantes de se distanciar do próprio termo demonstra, de forma nítida, a problemática de seu uso “pejorativo” (questão para a qual Ambrosini apontou).

Apesar do conceito da ONU como ponto de partida, a concepção de imigrante mais abrangente, que contempla não só o estatuto jurídico, mas a condição social, seria aquela cuja nacionalidade diferente do país de destino lhe é atribuída, por sua vontade ou contra ela, mesmo quando o indivíduo nasceu no país onde vive ou possui a cidadania desse país. Isso incluiria também os imigrantes de segunda geração que, na concepção de Basso (2003: 40), embora “naturalizados” desde o nascimento, não “demonstram nenhum entusiasmo nem nenhuma prontidão patriótica em relação à nova nacionalidade”. Estes, por sua vez, muitas vezes também não são reconhecidos como autóctones, mas apenas vistos como portadores da nacionalidade dos pais.

Foi assim que entrevistei dois refugiados políticos, consciente de que a definição de imigrante usada aqui, a princípio, não os contemplava. A situação atual e o grande número de refugiados presente no bairro (seja caminhando pelas ruas, ou sentados nas praças, ou mesmo pedindo esmolas nas portas dos supermercados), contudo, não poderia deixar de receber uma atenção especial, mesmo porque – e segundo Basso (2003) – os limites entre a situação de determinados imigrantes e de refugiados políticos é meramente convencional: na realidade, em diversos contextos as condições do imigrante e do refugiado se assemelham muito.

Não entrevistei os imigrantes de segunda geração por uma questão de escolha de abordagem. Visto que a nacionalidade diferente daquela italiana pode ser atribuída de fora, incorporada ou não por eles, solicitar uma entrevista a estes seria mais uma vez

reforçar essa atribuição externa (podendo eles se sentir ou não ofendidos). Por exemplo, No campo encontrei, de um lado, imigrantes de países pobres que, por pertencerem a classes sociais mais altas (proprietários de estabelecimentos), não se consideram imigrantes, e de outro, pessoas de classe mais pobre que não se sentem confortáveis com o “rótulo” (negativo) de imigrante. Este último caso pode ser percebido em alguns discursos de diferentes nacionalidades: na fala de Mohamed (“Eu não sou um imigrante comum”), na de uma faxineira peruana (“Eu não sou imigrante, não vim aqui pra isso”, mostrando uma vassoura, “vim aqui para um tratamento de saúde da minha filha”), ou naquela de um recepcionista do Togo que, ao me ouvir dizer que estava entrevistando alguns imigrantes no bairro, respondeu em tom de defesa: “Eu não sou imigrante”. Ainda assim, procurei investigar também os imigrantes provenientes de países ricos e seus olhares para a sua própria condição. Na Itália, por exemplo, existe um grande número de alemães residentes no país (os dados mostram que, no ano de 2015, um total de 36.749 deles viviam na Itália)⁹, mas não encontrei nenhuma pesquisa sobre a comunidade alemã. Ao contrário, existem muitas pesquisas sobre os senegaleses os marroquinos e outros (Colassanto, 1993, Scidà, 1993). Isso mostra a naturalização da imigração alemã no país e como eles são “invisíveis” para a sociedade no sentido positivo de invisibilidade. Muitas pesquisas sobre formas de organizações de grupos de imigrantes, sobre costumes e até mesmo a categorização desses grupos através de pesquisas, para Ambrosini (2010) pode servir somente para a dominação e controle dos mesmos por parte do Estado que se serve dessas políticas para melhor para exercer seu controle.

Neste ponto, vale lembrar que, para Sayad (1998), existe uma diferença entre ser “imigrante” e ser “estrangeiro”: o estrangeiro é aquele proveniente de países que produzem apenas turistas, enquanto o imigrante é aquele que vem de um país que produz mão de obra e, sobretudo, mão de obra barata. Nas palavras do autor: “Estrangeiro é uma definição jurídica de um estatuto, imigrante é antes de tudo uma condição social.” (SAYAD, 1998: 243)

Neste sentido, resolvi perguntar a uma professora alemã da Universidade de Verona sobre como ela definia seu próprio *status* na sociedade italiana, e a resposta foi que se sente “estrangeira” e não “imigrante”. De fato, o mesmo aconteceu com um japonês que entrevistei, Hiroki, e que vive na Itália há mais de 20 anos: ambos não se

⁹ Dados fornecidos pelo site [tuttitalia.it](http://www.tuttitalia.it). Disponível em <http://www.tuttitalia.it/statistiche/cittadini-stranieri-2015/> (acesso em 12/03/2016).

sentem imigrantes, mas estrangeiros. Ele e a professora não moram em Veronetta, e isso também diz muito sobre a condição de estrangeiros e imigrantes.¹⁰ Não encontrei nenhum imigrante de países ricos no bairro e não conheci nenhum imigrante que podia me indicar alguém – exceto Cristina, estudante da Guiné Bissau que tem uma professora francesa na Universidade, mas mora em um bairro mais nobre da cidade. Isso também revela muito sobre o que disse Sayad (1998) sobre ser imigrante ou estrangeiro: os dois grupos estão situados em espaços diversos e não dividem a mesma condição.

Ao todo realizei 37 entrevistas, sendo a maioria registrada, enquanto outras conversas não foram gravadas (devido aos pedidos para desligar o registrador). Contudo, em outros casos também não procurei registrar as entrevistas porque considerei que o instrumento tiraria a espontaneidade das falas, ou porque o local e o contexto da situação dificultavam seu uso.¹¹

Segue abaixo uma tabela com o número de imigrantes entrevistados, o total de homens e mulheres e a nacionalidade referente a cada um. No momento da transcrição (etapa final do trabalho) será colocada também a idade dos entrevistados, a fim de dar uma ideia da diferença da recepção da representação da insegurança entre as diversas gerações. Em linhas gerais, porém, os entrevistados tinham entre 20 e 70 anos (e como já referido, não entrevistei imigrantes de segunda geração).

Tabela 1: Imigrantes entrevistados por sexo e nacionalidade

Imigrantes entrevistados		
País de origem	Masculino	Feminino
Marrocos	1	1
Brasil	7	2
Sri Lanka	1	1
Índia	0	1

¹⁰ Hiroki foi o único entrevistado que não tinha ligação nenhuma com o campo que pesquisei, mas como achei importante entrevistar um imigrante de país rico, e sendo ele apresentado a mim durante a pesquisa, logo resolvi abrir essa exceção.

¹¹ Isso ocorreu, por exemplo, em um bar de um proprietário chinês, onde a entrevistada precisava interromper o diálogo constantemente para atender aos clientes.

Nigéria	1	0
Gana	1 (refugiado)	1
Albânia	1	1
Romênia	3	3
China	0	1
Peru	0	1
México	1	1
Guiné Bissau	1	1
Senegal	1	0
Japão	1	0
Macedônia	1	0
Kosovo	1	0
Mali	1 (refugiado)	0
Total (homens e mulheres)	23	14
Total de imigrantes	37	

Fonte: Elaborado pela autora.

1.2 O campo

Verona é uma cidade da região norte da Itália (Veneto) conhecida internacionalmente como a “cidade de Romeu e Julieta” (pois é o local onde se passa a peça homônima de Shakespeare entre 1594 e 1596).¹² De construção medieval, o centro histórico divide a atenção com a arena de Verona, construção romana antiga que sobreviveu aos séculos, constituindo um espetáculo visual (principalmente à noite, quando as luzes se acendem e sua exuberância se torna ainda mais evidente). Atravessada pelo rio Adige, a cidade é rodeada por muros, resquícios da ocupação francesa e austríaca no final dos anos 1700. Passeando pelo centro, percebe-se a presença maciça de turistas o ano todo. Em sua maioria, são turistas – como diz Sayad

¹² A “Casa de Julieta”, uma das mais famosas atrações turísticas da cidade, está situada em seu centro histórico.

(2002) – originários e produto de países ricos; de fato, as caravanas que constantemente chegam a Verona são formadas principalmente por alemães, franceses, japoneses e estadunidenses brancos.¹³

Apresentando o maior número de imigrantes da Região Veneto, Verona é uma das cidades mais ricas da Itália que, paradoxalmente, é considerada “fechada” para imigrantes, bem como para os italianos do sul.

Neste sentido, vale lembrar que Veronetta (escolhida para esta etnografia) é o bairro com maior número de imigrantes por habitantes autóctones de Verona, conhecido também como “Negronetta” devido à grande presença de pessoas negras ou “não brancas”.¹⁴ O bairro, situado há aproximadamente dois quilômetros do centro da cidade, está separado do centro histórico pelo rio Adige, sendo necessárias diversas pontes para ligar os dois pontos, a principal delas é a ponte de San Fermo que liga o centro à rua XX de setembro. Além de possuir a maior quantidade de comércios administrados por imigrantes, o bairro é muito estereotipado, tanto pelos italianos quanto por outros imigrantes: como dito, é considerado por muitos como um “bairro de má fama” e “perigoso”.

Veronetta é um dos 23 bairros da cidade de Verona e contém quatro zonas territoriais: San Giovanni in Vale, San Paolo, San Stefano e Veronetta Centro. As zonas de Veronetta Centro e San Paolo são altamente urbanizadas e densamente povoadas, enquanto San Giovanni in Vale e San Stefano, áreas de colina, são localizações mais calmas e com grande concentração de conventos religiosos (além de abrigar o museu africano). Por ser uma zona também de universidade, é grande o número de pessoas que moram sozinhas. Muitos dos comércios do bairro são geridos por estrangeiros, que se concentram principalmente nas ruas XX de Setembro, Nicola Mazza e San Nazarro (BRIATA, 2011). Neste sentido, Para Bertani (2006), o bairro atraiu os imigrantes pelo baixo custo dos aluguéis, resultado do descaso das autoridades, pois a deficiente conservação pública da área baixou o custo das moradias. Além disso, há uma grande procura por parte de estudantes universitários por moradias econômicas. Veronetta

¹³ Sobre esse último grupo, durante uma das minhas caminhadas ao redor do centro no início de janeiro de 2016, foi interessante notar um grupo de estudantes dos Estados Unidos em excursão escolar com suas bolsas de compras cheias de objetos (tão pouca idade e já portadores de seus cartões de crédito). O grupo deveria ser formado por mais ou menos 30 adolescentes de idade entre 12 e 13 anos, de uma escola de ensino fundamental, e me chamou a atenção que entre eles não havia sequer um indivíduo negro.

¹⁴ É o caso de imigrantes indianos, marroquinos e cingaleses, que não se consideram “negros”, mas apresentam a pele escura.

também foi um bairro que atraiu muitos italianos do sul da Itália nos anos 60, tendo, na verdade, passado de “Terronetta”¹⁵ para “Negronetta” (BRIATA, 2011: 4).

1.3 A cidade e o bairro na visão dos imigrantes

Ao perguntar para alguns dos entrevistados o que acham da cidade, do bairro e da região eles expressaram suas percepções e experiências da seguinte forma:

“Quando eu cheguei aqui na Itália frequentei uma escola para estrangeiros que queriam o diploma do ensino fundamental, à noite. Aqui não tem ninguém que te fala como são as coisas, eu não aconselho ninguém de migrar. Então eu conheci uma senhora que me explicou algumas coisas, ela disse que Veronetta está numa zona de estrangeiros “então fica sossegado” (disse a senhora). E na prefeitura tem os arcos, agora não tem mais e tinha pessoas se drogando, para ela era uma zona pra evitar” (Carlos, 49 anos, natural do México, operário e sindicalista, desde 1998 na Itália).

E Antonio¹⁶, da ex-Iugoslávia, explica sobre os imigrantes em Veronetta.

“Todos os bairros da cidade são assim, mas estão mais aqui em Veronetta porque aqui tem o dormitório da Caritas¹⁷. Aqui se está bem, o governo dá casa, curso de língua, dá tudo. Antes eu tinha um açougue, era cheio de africanos. Eu cheguei aqui aos 13 anos. Antes era melhor aqui, por questões de trabalho. Os italianos me admiram porque eu trabalho muito.” (Antonio, ex- Iugoslávia, na Itália há 30 anos)

A imagem de brasileiros sobre o bairro, chamando-o de o “Brooklin” da Itália, foi particular, e mostra também a comparação do contexto italiano com aquele americano, realidade muito próxima aos brasileiros devido à grande imigração para os Estados Unidos e das “vozes” que circulam no Brasil sobre a “América”.

“Aqui é o Brooklin da Itália [se referindo a Veronetta]. Tem o mundo todo aqui. Eu gosto de morar aqui. Tem o lado bom e o lado ruim. O lado bom é que tem o mundo inteiro aqui. Tem o mundo inteiro. O lado ruim é que tem aqueles que fazem confusão.” (Jerry, brasileiro de Pato Branco (PR), 28 anos, há 10 anos na Itália).

¹⁵ Neologismo criado a partir das palavras “terrone” e “Veronetta”. “Terrone” é um modo pejorativo para se referir aos italianos do sul.

¹⁶ Nome fictício dado pelo entrevistado (diferente de seu nome original).

¹⁷ Caritas é uma instituição da Igreja Católica presente no mundo inteiro que tem como objetivo o trabalho com as causas sociais e os direitos humanos de grupos mais vulneráveis. Na Itália, é uma das instituições envolvidas com o direito dos imigrantes e refugiados. Inclusive, em 2015 foi alvo de diversos ataques de neo-fascistas que depredaram e picharam a sede da Caritas, como sinal de protesto contra a acolhida de imigrantes pela Instituição.

Em uma conversa com um grupo de brasileiros num bar, na qual também Jerry estava presente, na parte mais estigmatizada do bairro, ao redor da Porta Vescovo, Marcio, um brasileiro há 12 anos na Itália, e que está no país de forma indocumentada, depois que revelei a eles que fui seguida à noite por dois homens italianos dias antes, disse:

“Mas você sabe onde você está? Estamos no Brooklin. Aqui vem muita mulher fácil. Não é culpa do homem. (...) Nós te observamos desde quando você chegou. Te analisamos, mas você foi encontrar um velho [se referindo a Enrico, meu informante italiano], ao invés de falar com nós.”

No ponto de vista dos brasileiros que viviam ali, eu, como também sou brasileira, deveria ter procurado por eles para que me apresentassem o bairro.

Para um jovem brasileiro, que abriu recentemente um bar numa das ruas mais estigmatizadas do bairro, o espaço é visto da seguinte forma:

“Aqui é o Gueto de Verona que eles chamam, né? É uma rua que 20, 30 anos atrás era uma das melhores ruas para se morar em Verona. Quando eu cheguei era pior ainda. Porque tudo quanto é estrangeiro que chegava em Verona vinha morar aqui. O aluguel era barato. Ninguém pedia contrato. Muitos chegavam sem documentos. Então, tinha a senhora que tinha 3, 4 apartamentos e alugava para os estrangeiros. Aqui abriram as primeiras lojinhas africanas, chinesas e brasileiras. Aí o pessoal vem sempre pra cá comprar as coisas. Eles me incomodam. Eu tive problemas com eles dois dias atrás porque eles queriam entrar e queriam vender coisas ilegais aqui dentro, como droga. Eles queriam entrar, deixar no banheiro e sair. Daí a polícia para eles e não tem nada, mas aí eles ligam para outro e dizem “Ai, passa lá no bar do moleque”, e bebem um café e vai ao banheiro porque tá lá atrás do quadro. Eu já saquei isso no primeiro dia. Porque não queria ser racista, eu falei “pode entrar, beber um café, só não pode encher o saco.” Eu respeito vocês e vocês tem que me respeitar. Aí não deu certo. Meu sócio viu e falou também. Eles me falaram “você é racista porque não posso entrar aqui”. Eu chamei um amigo meu que é da polícia federal italiana. Eles vieram aqui fardados, conversaram com os caras e a partir daí, no dia depois, eles passavam aqui e nem olhavam pra dentro. Eu quero que eles fiquem longe. Senão me queimam, queimam meu bar.” (Caique, Brasileiro, 20 anos)¹⁸

São esses comportamentos apontados como causa de perigo e ameaça no bairro, como uma zona a ser evitada. O conceito de degrado está associado à questão da segurança (MANERI, 2001), como um problema que foi “securitizado” (LEONARD, 2010) e ligado à presença de certos grupos, como os imigrantes, que para o imaginário

¹⁸ Nome fictício.

coletivo são os responsáveis pelo deterioramento da paisagem urbana, portadores da desordem social e da ameaça à segurança. Essas políticas modernas, porém que reproduzem velhas lógicas, como da “cirurgia social”, buscam estabelecer um confinamento nítido entre o que as sociedades consideram por “classes trabalhadoras” e as presumidas “classes perigosas” (SIMONCINI, 2012). Aqueles que cumprem essa função hoje, segundo esta autora, são os imigrantes, os islâmicos sobretudo, e os ciganos, as populações de periferia, os movimentos sociais e políticos mais radicais que são construídos diariamente como categoria “desviante”.

2. Os imigrantes apontados como causa de insegurança

Ao perguntar ao brasileiro Jerry quem são esses que fazem confusão (mencionados acima), ele respondeu:

“Os marroquinos, aqueles são perigosos. Perigosos, mas não como no Brasil. Se você caminha podem mexer com você que é mulher, mas mexer não como no Brasil, mas dizem “ciao bella”. Alguns andam com faca, bebem, usam drogas, mas arma não. Isso não. Mas o resto aqui é tranquilo. Tem muitos brasileiros aqui. A gente encontra ali de frente, um armazém chinês, agora é de um do Sri Lanka., mas lá de noite fica cheio de brasileiro. Também nos encontramos na lanhouse ali na frente, o dono é brasileiro”.

Uma senhora da Romênia, Oxana¹⁹, revelou durante a entrevista:

“Eu penso que são muitos aqueles que chegam aqui e fazem com que eles [italianos] tenham medo. Isso está aí, ao redor, essas pessoas (...) você sabe o que acontece” (ela olha ao redor, desconfiada).

E continua:

“Pra mim são pessoas que dizem que estão em guerra, mas chegam todos. Pra mim os verdadeiros cidadãos de um país em guerra lutam lá e não vêm pra cá (...) Eu respeito todas as nações, mas as pessoas tem medo, isso prejudica também os outros e muitos dizem ‘é a crença deles’. Não. Eles não tem educação, não tem uma educação certa. Tem mulçumanos que se comportam bem como os cristãos, mas é preciso antes de tudo se dar o respeito e respeitar, somos todos sob o mesmo céu e o mesmo sol e temos que respeitar. (...) os italianos são bons, querem tratar bem a todos, mas entenderam que nem todos podem ser tratados como humanos. Daí eles pedem comida e depois começam a atrapalhar e sempre fazem... quanto mais dão, mais querem. Eles gostam de nações trabalhadoras, brasileiros, romenos, moldavos são nações trabalhadoras. As pessoas têm confiança nessas nações e pegam pra trabalhar como cuidadoras de idosos, colf [“babá”], pessoas que dão confiança. As nações que não trabalham (fala em baixa

¹⁹ Nome fictício.

voz e olha ao redor), os marroquinos. Eles falam demais, não gosto. Os chineses são trabalhadores, mas são fechados, trabalham fechados e também não querem aprender um pouco de etiqueta e estética que serve para os locais públicos e não são estéticos e frequentam muitas pessoas que não deveriam frequentar.”

Pela fala de Oxana, vemos que a ideia que ela tem de “perigo” e “ameaça” está ligada a certos tipos de comportamentos, como “pedir esmolas”, “falar demais”. E no decorrer das entrevistas percebemos que outros imigrantes também apontam esses mesmos comportamentos como sendo a causa da insegurança que muitos imigrantes ou grupos suscitam. Logo alguns comportamentos como ficar em grupos até tarde nas ruas ou bares, urinar na rua e falar alto são criminalizados e apontados como sinais de “perigo”. É este perigo que, para Quasoli (2001), por exemplo, está baseado numa ideia de “ordem”, e o simples fato de um imigrante não jogar a latinha no cesto de lixo é um sinal de “incivilidade”, e mesmo de “ameaça”.

Outra entrevista que realizei com um senhor natural da Macedônia, que chegou à Itália em 1979 e é dono de uma agência de viagens, vai ao encontro da fala de Oxana.

“Meu governo na Macedônia tem razão em fechar a fronteira, pois não são todos sírios, tem gente de pele escura e aqueles de pele escura a gente reconhece de longe. O verdadeiro sírios fica na Síria para combater o Estado Islâmico. A Itália precisa controlar. Não digo fechar a fronteira, mas precisa de controle. Não se pode deixar entrar todos. Eu sou comunista, mas não votaria na esquerda do meu país, eu dou razão ao governo atual e sua política. Eu tive problemas aqui na minha loja com um nigeriano. Ele queria trocar uma passagem, mas não queria pagar os 50 euros pela mudança e ele começou a ficar nervoso e eu me coloquei num ângulo da loja e chamei a polícia. Minha mulher que é italiana também tem medo de extracomunitários, pois giram com facões e drogas.” (Branislav, 60 anos)²⁰

As mesmas nacionalidades apontadas por eles como “problema”, ou como “bons” e “maus”, são as mesmas indicadas pela própria sociedade italiana. Além do mais, a percepção da própria condição de ser brasileiro também foi apreendida no ambiente no qual vivem, experiência essa que, para a maioria, era positiva. Essa imagem de um bairro inseguro, perigoso, e de pessoas indesejáveis contradiz o discurso de que no bairro “ninguém te toca” ou “caminho às duas da madrugada”, ou mesmo do discurso de Caique, jovem brasileiro que diz fechar o bar às duas da madrugada com todo o dinheiro do caixa e nunca ter tido problema. Outro elemento interessante apontado pelos imigrantes é a questão do tempo e a comparação de um “agora” com um

²⁰ Nome fictício.

“antes”. Muitos diziam que “agora está melhor”, pois havia sido feito esse tipo de “limpeza” que muitos apontaram como sendo a expulsão de muitos imigrantes indesejáveis do bairro. Outros, ao contrário, expressaram certo saudosismo com relação ao passado (“antes”) que, para alguns, significava uns 20 anos atrás, e mesmo não tendo vivido nesse período ali no bairro advertem como uma época boa, visto a presença de menos imigrantes. Para alguns a percepção da diminuição do número de imigrantes no bairro está ligado à ação do Estado, através da polícia e à “limpeza” operada por ela. Antony, no entanto, mediador do Centro de imigração disse que muitos deixaram o bairro e o país por causa da crise econômico de 2008.

3 A reprodução do discurso dominante

3.1 A incorporação das nacionalidades “perigosas”: O marroquino como problema

Algumas nacionalidades foram construídas de forma estigmatizadas e essa estigmatização não é estática, mas sempre mudou com o decorrer da história (BRODKIN, 2010). Basso (2003), que, como dito, aponta um “Racismo de Estado” operando através da indústria da islamofobia que criminaliza a população muçulmana, além da criminalização dos ciganos, de grupos do leste europeu, dos árabes em geral e dos negros, afirma que estes sofrem uma “opressão a mais”. Existiria, além disso, certa “hierarquização” entre nacionalidades e raças (BASSO, 2003: 37), pois a visão europeia dos povos do terceiro mundo seria de que esses são “povos criança”, “predadores”, “violentos, sanguinários”, “forçados a serem como são devido à própria cultura e religião”. (BASSO, 2010: 15).

Ao identificar algumas categorias de imigrantes, não por acaso, as mesmas construídas como imagem de perigo e ameaça e reproduzidas nas interações sociais, percebe-se que eles, os imigrantes, estão incorporando estruturas de pensamentos que eles encontram já dadas na sociedade italiana. Um brasileiro, por exemplo, ao apontar um marroquino como “problema social” ou “perigo”, está reproduzindo o discurso que encontrou na Itália, pois no Brasil ele não poderia captar este tipo de representação sobre esse grupo específico. Porém, longe de ser um espelhamento mecânico, como lembra Bourdieu (2001), é sempre um ato de conhecimento que não adere totalmente ao padrão dado. Jerry, por exemplo, brasileiro de 28 anos que apontou o marroquino como um “perigo” a ser evitado, em outra ocasião, quando o encontrei novamente, estava tomando cerveja com um deles, o mesmo que pedi informações sobre como fazer o “chá

marroquino”, e com o qual perdi a ocasião de criar um diálogo porque perguntei a ele se ele era marroquino. Ou mesmo Luís, outro brasileiro que divide o apartamento com um paquistanês, e Sofia que, apesar de considerar as pessoas do bairro como “gentalhas”, são essas mesmas “gentalhas” com quem ela convive todos os dias, que garante o funcionamento de seu bar. Nas palavras de Elias (2000:184) “os indivíduos existem em configurações” que exercem um certo grau de coerção sobre eles e algumas “expressões usadas” apontam para essa força coercitiva. As expressões encontradas na sociedade italiana de hierarquia das nacionalidades, da moral do trabalho no dizer “tem que trabalhar, tem que fazer algo, esse não trabalha, vive à custa do Estado”, são fortes a ponto de serem repetidas e afirmadas diversas vezes pelos imigrantes.

Elias e Scotson (2000) verificaram que entre moradores de uma mesma zona havia uma divisão que era espacial (aldeia e loteamento), mas também simbólica entre o que ele chamou de “os estabelecidos e os outsiders”. Os primeiros imputavam aos segundos características inferiorizantes e degradantes que se referiam ao caráter e ao modo de vida desse outro grupo, justificando assim o senso de superioridade diante dos habitantes do loteamento. Sendo o critério de divisão no bairro baseado no tempo de moradia, obviamente o grupo dos “estabelecidos”, que estava presente no local há mais tempo, convivia num contexto social em que as famílias se conheciam entre si e eram coesas no que se refere à educação dos filhos, por exemplo, entre outros fatores que favoreciam uma identidade enquanto grupo. Por seu lado, os “outsiders” eram moradores novos impossibilitados de alcançar uma identidade grupal, sendo cada família responsável, neste caso, por estabelecer os critérios de educação dos filhos. Um aspecto interessante é que os outsiders acabavam por incorporar a representação negativa sobre eles, reproduzindo o mesmo discurso que os estabelecidos pronunciavam sobre eles como “pessoas problemas”, “zona de degrado”, “trabalhadores” e “vagabundos”.

Foi interessante perceber que a maioria dos imigrantes entrevistados reproduzia essa imagem negativa da imigração apontando alguns grupos como sendo a causa. O mais recorrente foi o grupo dos marroquinos, seguidos dos romenos e albaneses. Mais uma vez Elias e Scotson (2000: 141) nos fornecem alguns elementos para entender essa dinâmica, ao apontar que alguns jovens “outsiders” da “Zona”²¹, estigmatizados pelo outro grupo (“estabelecidos”), demonstravam comportamentos rebeldes e pareciam

²¹ Os jovens da Aldeia faziam parte dos “estabelecidos”, e os da Zona, dos “outsiders”.

“esbarrar nos muros da prisão invisível em que viviam”, buscando exatamente comportamentos que reforçavam, para o outro grupo, a inferioridade, quando, na verdade, esta era uma forma de “escapar ou provar a si mesmos que a opressão era real”.

No caso dos entrevistados em Veronetta, apontar outros grupos diferentes de si mesmo como “perigo”, como os “maus”, os “ruins”, os “indesejáveis” e assim por diante, era uma forma de provar que a opressão da sociedade italiana encontra fundamento e que, de fato, existem grupos que causam insegurança. E mesmo os imigrantes, parte desses grupos estigmatizados, apontavam outros diferentes de si ao invés de “subverter” esse tipo de representação dominante. O dado interessante é que mesmo aqueles apontados como causa de insegurança não se reconhecem assim, transferindo sempre para outros esse estereótipo.

Nas entrevistas realizadas durante a pesquisa, os imigrantes que mais aparecem na percepção dos próprios imigrantes como causa de insegurança são:

Tabela 5: Imigrantes percebidos como insegurança por imigrantes.

1	Marroquinos
2	Romenos
3	Albaneses
4	“Negros” (aqui o termo aparece não como nacionalidade, mas como continente dos “africanos” ou apenas como “negros”)

Fonte: Elaborado pela autora.

Os “marroquinos” foram os mais citados como grupo de imigrantes que suscitam a insegurança, sinônimo de “perigo”, “ameaça” e “bagunça”. Mas, na Itália, considera-se um “marroquino” qualquer homem de pele escura e cabelo crespo. Como no caso de Marcio que é recorrentemente confundido com “um deles” por ter “cara de marroquino”. Alguns brasileiros, como Luís e Márcio, têm características físicas que são bem similares em relação às típicas dos norte-africanos.

A construção do marroquino como socialmente “criminal” é uma imagem antiga, em grande parte dada pela mídia italiana que, como visto (cf. Capítulo 3), tende a enfatizar a nacionalidade e a expor o imigrante ligado à criminalidade. Como os marroquinos representam o maior número extracomunitário da Itália e a imigração mais antiga, é recorrente encontrar na mídia o “marroquino” como símbolo do criminoso, do

causador de problemas etc., imagem e discurso reproduzidos nas relações sociais quotidianas. Exagerar a criminalidade dos imigrantes e apontar as nacionalidades ao invés de indivíduos são características da mídia italiana. O termo “marroquino” também é usado para se referir a qualquer homem do norte africano, como os tunisianos, os argelinos, os egípcios etc. O encarceramento de pobres, “perigosos” e marginalizados é parte da reestruturação do Estado orientado à criminalização da pobreza, à substituição dos direitos tradicionais do Estado Social para um contínuo encarceramento-assistencial (WACQUANT, 2011).

A imagem negativa do imigrante é formada pelo contato direto com os imigrantes e pela orientação política dos indivíduos, diz o documento “Carta di Roma”. A exposição através da mídia, principalmente em telejornais mais conservadores, por seu lado, tem enorme influência no modo de *perceber* a imigração, sobretudo porque na Itália a nacionalidade dos imigrantes, quando ligada ao discurso da criminalidade, é transformada em substantivo: “um romeno”, “um marroquino”. (CARTA DI ROMA, 2014:19)²² Nessa pesquisa porém o termo “marroquino” aparece como adjetivo pejorativo do qual muitos tentam se livrar e outros para apontar aqueles que consideram “o problema”.

O crime do imigrante na sociedade italiana causa mais surpresa e indignação do que o crime cometido pelos próprios italianos. Neste sentido, Quasoli (2000) retoma o debate sociológico sobre o “desvio”, apontando que esse não seria outra coisa que a interação do sujeito com a sociedade. Por isso o “desvio” dos imigrantes seria interno à sociedade na qual vivem, enquanto tal comportamento “desviante” (“deviante”) só pode existir porque faz parte de uma série de condições e situações que se passam ali, em um determinado contexto social. É na interação com o controle social de uma determinada sociedade que surge a “devianza”. Isso joga luzes no discurso que diz que o “imigrante”, no caso o marroquino, “já parte do seu país com a cabeça errada, já era criminal no seu país” (frase de Caique, brasileiro entrevistado). Quasoli (2000) afirma que o crime dos imigrantes “é o modo de vida italiano deles”, e acrescenta:

A “ilegalidade” dos imigrantes nos remete à nossa própria imagem, engrandecida e deformada. Imagem de nós mesmos, da nossa dupla moral, da nossa cultura da ilegalidade. A criminalidade dos ‘outros’ nos resulta extremamente insuportável porque intuimos que é a “nossa”. A prostituta

²² <http://www.cartadiroma.org/wp-content/uploads/2014/04/La-tesi-completa.pdf> (acesso em 16/11/2016).

estrangeira nos mostra de forma escandalosa o que as italianas fazem mas ninguém diz. (QUASOLI, 2000: 10-11)²³

Tentar achar causas em uma suposta natureza ou no país de origem do imigrante é velar a questão das condições sociais que produzem a criminalidade e a criminalização do imigrante no seio da própria sociedade italiana.

No caso de Veronetta, é importante perceber como outros imigrantes também se referem a esse grupo estigmatizado como fator que suscita insegurança. São idéias formadas, no entanto, no bairro onde vivem e fora dele, na relação com outros imigrantes, com os autóctones e na exposição diária à mídia, que tende a apontar nacionalidades quando se poderia falar apenas de indivíduos, principalmente quando esses são ligados a algum tipo de crime. Ao contrário do que Elias (2000) apontou sobre o fato de não se poder escapar individualmente à estigmatização do grupo, os imigrantes marroquinos entrevistados que não se reconhecem nessa imagem negativa demonstraram, como estratégia particular, a saída individual, além de se afastar do grupo. A única exceção foi Houda, que se reafirmou como imigrante, mulher marroquina e mulçumana, e portadora do véu, que para ela é sinal da sua cultura e tradição, logo motivo de orgulho.

Conclusão

Os grupos mais frequentemente apontados como causa de insegurança foram dados pela sociedade italiana e predisõem à representação dada cotidianamente pelos próprios imigrantes. Na Itália, marroquinos, albaneses e romenos existem, na sociedade, como substantivo para se referir a crime, insegurança e perigo; e como visto aqui (Capítulo 3), a mídia e o Estado tem um papel central na construção de tais nacionalidades no país. As mesmas falas que os imigrantes incorporaram foram dadas e apreendidas nas relações sociais, mas é obvio que estas não são uma reprodução automática ou mecânica da representação dominante. Alguns exemplos foram dados de como a prática dos imigrantes, mesmo que tenham reproduzido tais discursos, não coincide totalmente com tal visão exposta. Os próprios brasileiros, por exemplo, ainda que tenham apontado os marroquinos como o grupo imigrante mais problemático,

²³ Tradução do texto original em italiano: “La ‘illegalità’ degli stranieri in via a noi autoctoni – in forma ingigantita e deformata – l’immagine di noi stessi, della nostra doppia morale, della nostra cultura della illegalità. La criminalità degli ‘altri’ ci risulta estremamente insopportabile perchè intuimo che è la ‘nostra’. La prostituta si mostra di forma scandalosa cosa che le italiane fanno ma nessuno dice.”

estavam sempre convivendo com eles nos bares ou locais semelhantes. O termo “marroquino” tem uma conotação negativa na Itália, e em campo foi possível perceber que até mesmo alguns marroquinos tentam se distanciar do termo. Outros imigrantes apontaram marroquinos como imigrantes que “causam mais problemas”, seguidos dos romenos, albaneses e africanos. “Marroquino”, no entanto, é usado para se referir a qualquer pessoa de pele escura e cabelo crespo. Essa conotação, porém, é típica da sociedade italiana e só existe dentro das relações de poder dentro do próprio país. Um brasileiro, por exemplo, só aponta o marroquino como problema quando começa a incorporar ali essa representação negativa sobre o cidadão marroquino; por isso podemos dizer que o marroquino na Itália tem uma imagem “à la italiana” que só é possível apreender se inserindo nesse contexto.

Os próprios imigrantes têm uma grande contribuição na reprodução e circulação do discurso que liga a imigração ao problema da insegurança. Desta forma, tornou-se extremamente difícil estabelecer quem são – para usar os termos de Elias e Scotson (2001) – os “estabelecidos” e os “outsiders” no bairro Veronetta. Para tais autores, o primeiro grupo era responsável pela criação da imagem do segundo, enquanto restava aos últimos a incorporação de tal imagem. Neste caso, também os imigrantes estigmatizados com essa representação, e os grupos mais marginalizados, apontaram outros grupos como causa do problema.

A questão da falta de coesão discursiva entre alguns imigrantes (ou boa parte deles) contribui para a falta de uma identidade do “imigrante”, o que torna difícil uma luta conjunta para superar ou combater as formas de discriminação, incluindo uma representação negativa e estigmatizante. Em Veronetta, “unificar” tal condição em torno de uma “identidade imigrante” é um tanto problemático e complexo. Primeiro porque o termo é considerado pejorativo e muitos tentam se afastar dele, ao invés de assumi-lo ou de se contrapor à sua imagem negativa. Em segundo lugar, porque a diversidade de nacionalidades, experiências e trajetórias de imigração é bastante grande, a ponto de se mostrar fundamentalmente heterogênea. E em terceiro lugar, porque a própria sociedade cria formas de hierarquizações entre as nacionalidades, fato este que dificulta a solidariedade entre os imigrantes, uma vez que essas hierarquias entre “bons” e “maus” são incorporadas e reproduzidas.

As experiências e práticas verificadas no campo de desconstrução da representação dominante sobre imigrante e insegurança parte daqueles, no entanto, cuja experiência e vida estão enraizadas num grupo social ou em redes de relações que

permitem adquirir instrumentos materiais e simbólicos para contrapor, questionar e romper com tais imagens; estes são, em outras palavras, os imigrantes com maior capital social e cultural. E não se trata, especificamente da parte desses, de uma “defesa” ou simples “resistência” (GRAMSCI, 2010), o que poderia remeter a uma ideia passiva de se manter ou sobreviver ali, firmes diante de um contexto que causa constante sofrimento. Trata-se, pois, de uma profunda ressignificação, isto é, da recriação do próprio espaço social e de suas relações, como nos casos relatados das mulheres da *Casa di Ramia*, do grupo de dança africana, de Miriam e seu trabalho, de Harpreet na universidade (que vem de uma família indiana com um capital social e cultural elevado). Porém, justamente por isso, ao final é possível concordar com a afirmação de Gramsci (2002: 135): “todo traço de iniciativa autônoma por parte dos grupos subalternos deve ter valor inestimável”.

A imigração construída como problema de insegurança na Itália coloca os autóctones como vítimas da imigração e dos imigrantes. Pudemos ver também muitos cartazes e publicidades de partidos políticos que instrumentalizam a imigração e criam esse *nexus* para canalizar as frustrações dos cidadãos italianos (para não dizer desviar sua crítica, revolta ou indignação perante os próprios representantes políticos). Porém, o que não vem abordado neste contexto é a insegurança que os próprios imigrantes sentem e com a qual precisam conviver no dia a dia. Transformados em culpados, em problema sociais, em “invasores”, enfim, esses imigrantes sentem e reproduzem o próprio racismo presente na sociedade. Alguns moradores mais antigos, imigrantes italianos (do sul do país, por exemplo) ou estrangeiros, reproduzem os mesmos discursos presente nesta sociedade, qual seja, de que é preciso controlar os imigrantes, esquecendo esses da própria condição de imigração e dificuldades que viveram no início, e que muitos continuam vivendo. Compartilhar a mesma condição de imigrantes não os torna automaticamente solidários uns com os outros; ao contrário, muitos tentam se afastar do “estigma” social adquirindo os mesmos comportamentos e discursos de discriminação com relação a alguns grupos de imigrantes ou tentando se distanciar dos outros imigrantes, como o caso de uma mãe romena que tentou de todas as formas mudar seu filho de escola para que pudesse conviver com os italianos, e não com outras crianças imigrantes, porque segundo ela seria uma escola mais bonita.

As formas de contrapor esse discurso dominante por parte de alguns imigrantes parte, em primeiro lugar, da consciência de que esse discurso é uma construção; como visto, muitos imigrantes (como Miriam, Acayne e Ernesto) até identificaram fontes

pontuais, como a própria mídia, nessa construção. Em segundo lugar, existe a tentativa de desconstruir essa representação indo além do que outros faziam, como apontar fora de si o “mal” que eles acreditam existir realmente entre os imigrantes. No entanto, para muitos é um trabalho demasiadamente exaustivo, como no caso de Houda, que expressou seu cansaço em ter que “se defender” o tempo todo e justificar sua religião (religião essa que ela nem faz questão de declarar, mas que é chamada a fazer a todo instante). Apropriar-se da língua para se “defender” e ter consciência dos próprios direitos também é algo que muitos apontaram para se impor diante de uma realidade que tende a “aprisionar” os imigrantes em categorias, como bem apontou Harpreet quando disse que cada grupo encontra na sociedade italiana um adjetivo. Esses adjetivos imprimem uma “identidade” nos imigrantes e, ao mesmo tempo, fortalecem aquelas dos autóctones, no caso dos veroneses. O que não se fala é o quão maléfico esses adjetivos podem ser e como chegam a ser incorporados de forma a reforçar no dia a dia a hostilidade, o racismo, a discriminação e até mesmo a “morte social” de certos indivíduos, que devido a tais estigmatizações são condenados a um verdadeiro “limbo social”. No entanto, como verificado em campo (e como ficou dito), não podemos olhar para tais práticas dos imigrantes somente como algo automaticamente reprodutivo ou em forma de passividade. Existe por parte de alguns uma grande vontade de mudar a realidade e reconstruir as relações locais, como nos casos efetivos e atuais do documentário de Peter, do grupo de dança no bairro, de Houda e sua associação.

BIBLIOGRAFIA

AMBROSINI, M. *Sociologia delle migrazioni*. Bologna: Il Mulino, 2011.

_____. *Richiesti e respinti: L’immigrazione in Italia Come e Perché*. Milano: Il Saggiatore, 2010.

BAUMAN, Z. *Comunidade, a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Fiducia e paura nella città*. Milano: Bruno Mondadori Editore, 2005.

_____. *La Solitudine del cittadino globale*. Milano: Feltrinelli, 2000.

_____. *Modernità Liquida*. Roma: Laterza, 2006.

BECK, U. *La società del rischio. Verso una seconda modernità*. Roma: Carocci, 2001.

BERTANI, M. “Capitale sociale e reti informali in aree ad alta densità di immigrati: il quartiere di Veronetta”. In: *Dalla società civile al capitale sociale*. A cura di Paola Di Nicola. Milano: FrancoAngeli, 2006.

BUTTLER, J. *Precarious life: The Powers of Mourning and violence*. London: Verso, 2004.

_____. *Quadros de Guerra*. Quando a vida é passível de luto? Tradução: Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COLOMBO, E. *Rappresentazioni dell'altro: lo straniero nella riflessione sociale occidentale*. Milano: Guerinistudio, 1999.

DAL LAGO, A. *La Produzione della devianza: teoria sociale e meccanismo di controllo*. Verona: Ombre Corte, 2002.

_____. *Non Persone: L'esclusione dei migranti in una società globale*. Milano: Feltrinelli, 1999.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GIDDENS, A. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1990.

GRAMSCI, A. “As margens da história. História dos grupos sociais subalternos”. Caderno 25. In: *Cadernos do Cárcere*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HARAWAY, D. *Saberes localizados: a questão da Ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu (5), pp. 07-41, 1995.

QUASOLI, F.; CHIODI, M. “Multiculturalismo e In/Sicurezza in Emilia Romagna: Rappresentazioni sociali e pratiche organizzative di polizia e magistratura”. Quaderno 21, Seconda parte, Gennaio/Febbraio, 2000.

SASSEN, S. *Expulsions: Brutality and Complexity in the Global Economy*. Cambridge; London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2014.

_____. *Sociologia da Globalização*. Porto Alegre: Artemed Editora, 2010.

_____. *Guests and Aliens*. New York: The New Press, 1999 (a).

SAYAD, A. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

WACQUANT, L. *As duas faces do Gueto*. São Paulo: Boitempo editora, 2008.

_____. “Insegurança social e surgimento da preocupação com a segurança”. In: *Panotica*, ano 3, n. 19, julho/outubro de 2010. Universidade de Berkeley, 2010.

_____. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

